

Extensão: 1600 km  
Descoberta: 1542, quando o espanhol Francisco Orellana desce pela primeira vez o Amazonas e o escrivão da expedição, frei Gaspar de Carvajal, descreve um rio de "água negra como tinta" — o Negro. População: formado em mais de 90% por indígenas e caboclos. Há mais de 30 etnias vivendo na área do rio.

Lisandra Paraguassú e Jefferson Rudy (fotos)  
Da equipe do Correio

"Collecção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia, compostas, e experimentadas pelos melhores Médicos, e Boticários mais célebres que tem havido nestas partes. Aumentada com alguns indices, e notícias curiosas e necessarias para a boa direcção, e acerto contra as enfermidades"

Texto de apresentação da Triaga Brasília, receitas de remédios tirados do Brasil no século XVIII pelos jesuítas

# A farmácia dos Índios

"A mata é a farmácia", concluiu o médico holandês Carlos Von Martius quando andava pelas florestas brasileiras, no século XIX, para catalogar plantas e índios da Amazônia. Chegou tarde. Duzentos anos antes, padres missionários mandados ao Brasil para catequizar nativos já haviam descoberto que o tratamento para doenças novas e antigas estava nas mãos dos mesmos Pajés desacreditados pela religião católica.

As ervas e especiarias que a floresta fornecia encantaram religiosos e melhoraram o paladar nas mesas

da nobreza européia. Entraram para os livros de história com o título de Drogas do Sertão. Não eram poucas. A Amazônia, dona de mais da metade do que se conhece — e não se conhece — da flora do mundo, escondia a cura para problemas tratados pelos europeus com sangrias e misturas mágicas. A mata guardava também o alívio para doenças tropicais que massacravam colonos brancos.

No século XVII, a farmacologia indígena já era formada por mais de 3 mil plantas, enquanto a farmácia

dos brancos tinha pouco mais de 40 remédios diferentes. Impressionados com a diversidade terapêutica, os religiosos anotavam o que viam e ouviam. Foram além da sabedoria indígena. Criaram a Triaga Brasília, preparado de ervas usado para tudo. Os jesuítas guardavam sua descoberta como tesouro e os europeus a cobiçavam como tal.

"Da Triaga, por ser pronto o seu efeito não faltaria quem desse pelo segredo três ou quatro mil cruzados", descrevia, em ofício de 30 de julho de 1766, Francisco Antônio

Burquó, desembargador da Bahia. Quando, no século XIX, o primeiro-ministro de Portugal, Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas do Brasil, os padres carregaram para Lisboa os escritos sobre a Triaga.

A floresta ainda hoje serve de botica para os caboclos da Amazônia. Nas margens do rio Negro, onde o Correio Braziliense esteve para fazer o 20º capítulo da série 500 Anos de Brasil, a farmácia continua no pátio das casas. Nesta receitas simples estão os segredos fitoterápicos caçados por pesquisadores e empresas multinacionais, dispostos até mesmo a roubar e contrabandear informações. É a biopirataria.



# DROGAS DO SERTÃO



Receitas para curar o corpo e a alma: senhor dos segredos da Amazônia, o índio Américo Monteiro, de 75 anos, prepara as suas ervas tão procuradas pelos caboclos e brancos

Os rios da Amazônia foram a estrada dos padres. Pelas águas, jesuítas, carmelitas e salesianos chegaram a lugares do novo mundo ainda não povoados pelos portugueses. Dividiram a região. Aos jesuítas, couberam o baixo Amazonas e o rio Madeira. Aos carmelitas, o rio Negro e o Solimões. Fundaram missões, como Santo Elias do Jau, depois Lugar Airão, hoje ruínas de uma cidade abandonada na selva.

Para conquistar os índios, os padres aprenderam o neengatú, língua geral usada pelas centenas de tribos para se comunicar entre si. Quando ganhavam a confiança dos nativos, os religiosos tiravam da mata as drogas do sertão. Serviam para tratar

índios, brancos e ainda eram exportadas para a Europa.

Os livros da então Capitania do Grão Pará registraram: só em 1740, os jesuítas mandaram da Amazônia para a Europa 18 canoas de cacau — cerca de 4 mil arrobas. Os carmelitas exportaram 10 canoas. Como boa parte das especiarias, o cacau sustentava um dos luxos gastronômicos da corte, o de beber o chocolate, prazer descoberto com a chegada à América, em 1492.

Juntos, os religiosos da Amazônia tinham a seu serviço, na metade do século XVIII, 21.513 índios de todas as idades. Mãos que colhiam da floresta a salsaparrilha para fazer refresco e remédios para o estômago; o cra-

vo, usado como tempero, as folhas do tabaco, para ser fumado e ajudar na digestão. Todos esses produtos eram essenciais depois do fim do comércio com as Índias.

Com as mesmas mãos indígenas eram fabricadas as gomas, os bálsamos, as resinas, os chás e também os venenos que curavam. O Ananás, a folha do abacaxi, resolvia o problema de pedras nos rins e na vesícula. "Mando Ananases para dor de pedra, que fazem proveito. Os irmãos que lá houvessem dessa enfermidade deveriam vir para cá", escrevia de Belém a Lisboa o padre Manuel da Nóbrega, em 1541.

Eram os nativos os "senhores das drogas do sertão", como reco-

nhencia o Marquês de Pombal, secretário de estado do Reino de Portugal. Tinham o conhecimento essencial para tirar da terra os remédios e especiarias cobiçados pelos europeus. Mas isso não bastou para conquistar o respeito



Missões religiosas são, hoje, ruínas na selva

dos portugueses.

Nas margens do rio Negro, o índio Américo Monteiro, de etnia Tucano, 75 anos, sofre porque seus netos são discriminados na escola pelos mesmos filhos de caboclos que batem em sua porta para pedir receitas indígenas contra males do corpo e da alma. Na Amazônia de hoje, o filho da mistura de índios e europeus prefere esquecer suas origens. Mas não deixa as receitas de seus antepassados para curar suas aflições.

## BOTICAS DAS ANTIGAS

No final do século XVI, o padre jesuíta Fernão Cardim aprendeu com os índios a conhecer algumas das plantas usadas para curar. Além de mostrar a serventia da mata, as anotações de Cardim revelam o idioma português da época:

**Ambaigba (Imbaíba)** — A casca desta figueira, raspando-lhes da parte de dentro, e espremendo aquelas raspas

na fôrta, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara.

**Ambaigtinga (Imbaíba Branca)** — As folhas são muito estimadas para quem arrevesa (passa mal) e não pôde ter o que come, untando o estômago com óleo; tira as opilações (obstruções) e colica.

**Igcica (Icica)** — estilla um oleo branco

que se coalha; serve para emprastos (compressas) em doenças de frialdade (frio), e para defumar.

**Caarobmoçorandigba (Maçaranduba)** — sara os corrimentos, boubas (doença infecciosa que causa feridas) e mais doenças da frialdade.

**labigrandi (Jaborandi)** — as folhas comidas são o unico remédio para as doenças do fígado, e muito neste Brasil

sararão já de mui graves enfermidades do fígado comendo dellas.

**Tetigucú (Teticucú)** — são humas raizes compridas, mas de boa grossura, servem de purga; toma-se esta raiz moída em vinho, ou agua para febres. **Cayapiá (cco apidá)** — esta erva he o unico remedio para peçonha de toda sorte, maxime (especialmente) de cobras



Apesar da incredulidade dos médicos, os raizeiros da Amazônia mantêm a tradição de curar tudo



Dona Joana Maria, no meio das plantas que curam tudo: ananá verde, graviola, carambola e sabugueiro são alguns dos tesouros guardados na mata. Os médicos até criticam, mas acabam usando

O PAÍS QUE NÃO CONHECE A MATA

Por falta de pesquisas, o Brasil perde, anualmente, 20 mil valiosas plantas nativas que viram remédios

Os pesquisadores brasileiros ainda não conhecem a farmácia amazônica. Apesar do potencial de biodiversidade da região, apenas cinco plantas já foram estudadas com fins terapêuticos. Entre elas, estão o quebra-pedra e a espíndea santa. Mesmo assim, nenhuma das pesquisas feitas até hoje no Brasil chegou ao estágio daquilo que os cientistas chamam de ensaios clínicos — os testes com seres humanos que definem se a planta realmente causa os efeitos que se espera.

Nem mesmo o guaraná tem atestado científico. Usado quase desde o descobrimento do Brasil por seus supostos efeitos energéticos, o fruto que virou refrigerante e nasce em gordo arbusto jamais mereceu uma pesquisa farmacológica.

"O Brasil jamais investiu seriamente em testes clínicos dessas plantas, assim como nunca se trabalhou em uma pesquisa associada entre antropologia e farmacologia", afirma Frederico Arruda, biólogo, professor da Universidade do Amazonas e hoje superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) no arquipélago de Anavilhanas, no rio Negro. Um dos maiores especialistas em Amazônia do país, Arruda está brigando há anos contra a falta de política nacional para a região.

O descaso brasileiro abre caminho para a biopirataria — o roubo de plantas e animais do país, que terminam patenteados no exterior como remédios pelos quais os brasileiros terão que pagar caro. Arruda calcula que saem do país, por ano, cerca de 20 mil extratos de plantas nativas.

Esses extratos são os princípios ativos do que depois vira remédio, produzido por laboratórios famosos no exterior. Como o

ART-694, um analgésico duzentas vezes mais forte do que a morfina, extraído de um muco da pele do sapo *Epipadobates tricolor*, e conhecido há séculos pelos índios do Acre. O sapo foi patenteado pelo laboratório americano Abbot.

Pelas águas do rio Negro, passaram religiosos e portugueses para levar as drogas do sertão. Brasileiros e estrangeiros atrás da borracha, já no século XIX. E, mais, recentemente, pesquisadores atrás de curas para males como o câncer e até a Aids.

Mas poucos conseguiram descobrir o que caboclos e índios usam há séculos no lugar dos remédios de doutor. As curas da Amazônia saem de plantas como o ingá, uma árvore baixinha de folhas verde-claras, usada para curar verminoses. Ou a mão aberta, uma planta de folhas largas usadas contra inflamações.

É no pátio da casa de dona Joana Maria da Cruz Carmim, de 75 anos, onde os moradores de Novo Airão — cidade a 150 quilômetros de onde um dia foi Lugar Airão, vila fundada pelos padres carmelitas no século XVII — vão procurar alívio para suas dores. Hortelã e erva cidreira para problemas no estômago. Ananá verde, folha de graviola e carambola para problemas na vesícula. Sabugueiro, um arbusto de florzinhas brancas, para sarampo e catapora.

Por suas receitas, dona Joana já teve problemas com os doutores formados na cidade. O médico peruano Francisco Javier Valdivia, há três anos na cidade, andou visitando a velha raizeira para dizer que ela não devia fazer as receitas. O doutor Valdivia diz que não é bem assim, mas ela confirma. "Uns gostam, até pedem ajuda, mas ele veio dizer que era perigoso."

"Eu acho que primeiro é Deus e depois o doutor, né? Mas o chazinho pode ajudar, e se não tem dinheiro para comprar o remédio, então, é o único jeito", explica dona Joana. E remédios são artigos raros em Novo Airão. Não por falta de farmácias. Elas existem, são três e funcionam até tarde. O que falta é dinheiro para comprá-los.



Estevão Rodrigues, o doutor Raiz: salvando vidas na floresta

SEM MÉDICOS E COM REMÉDIOS

Nem os quatro séculos de povoação mudaram a vida nas margens do rio Negro, onde o peixe é a salvação

Em Novo Airão, a maior parte dos pouco mais de 14 mil habitantes dependem dos medicamentos gratuitos do que é chamado na cidade, pomposamen-

te, de hospital. Mas, nas duas últimas semanas do mês, costumam faltar até remédios mais comuns, como a aspirina. "Falta mesmo. O que chega dura, no máximo, as duas primeiras semanas do mês", diz o doutor peruano Francisco Valdivia, o mesmo que não gosta das mezinhas de dona Joana Carmim.

O dinheiro enviado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para a compra de remédios não se descobriu ainda para onde vai. "Desse jeito, a gente tem que aprovei-

tar o conhecimento popular e usá-lo para solucionar os problemas deles", explica Valdivia.

A carência e as peculiaridades dessa região, ainda quase desconhecida 400 anos depois de ser descoberta, faz com que os métodos tradicionais nem sempre funcionem. Em quatro séculos de povoação, a vida às margens do rio Negro não mudou tanto como deveria.

Há mais carros e barcos a motor, televisão e antenas parabólicas, escolas e refrigerante. Mas, da mesma forma que seus antepassados, os ribeirinhos sofrem com a malária e as verminoses. E têm ainda no peixe — fonte de proteínas —, nas frutas e na mandioca a base de sua alimentação.

"Icheraitã pecodá paranáme pirá jucabo iandé remiurama relé — ou "meus filhinhos, ides ao mar para comermos" —, diziam os missionários às margens dos rios da Amazônia. Já no século XVII, o tucunaré, o tambaqui, o pirarucu e outros peixes alimentavam as missões religiosas.

Nos parques nacionais da Amazônia, a pesca e a caça estão proibidas, mas não para a alimentação dos nativos. A carne de peixes como o tambaqui — que chega a pesar 80 quilos — susten-

ta famílias inteiras durante semanas.

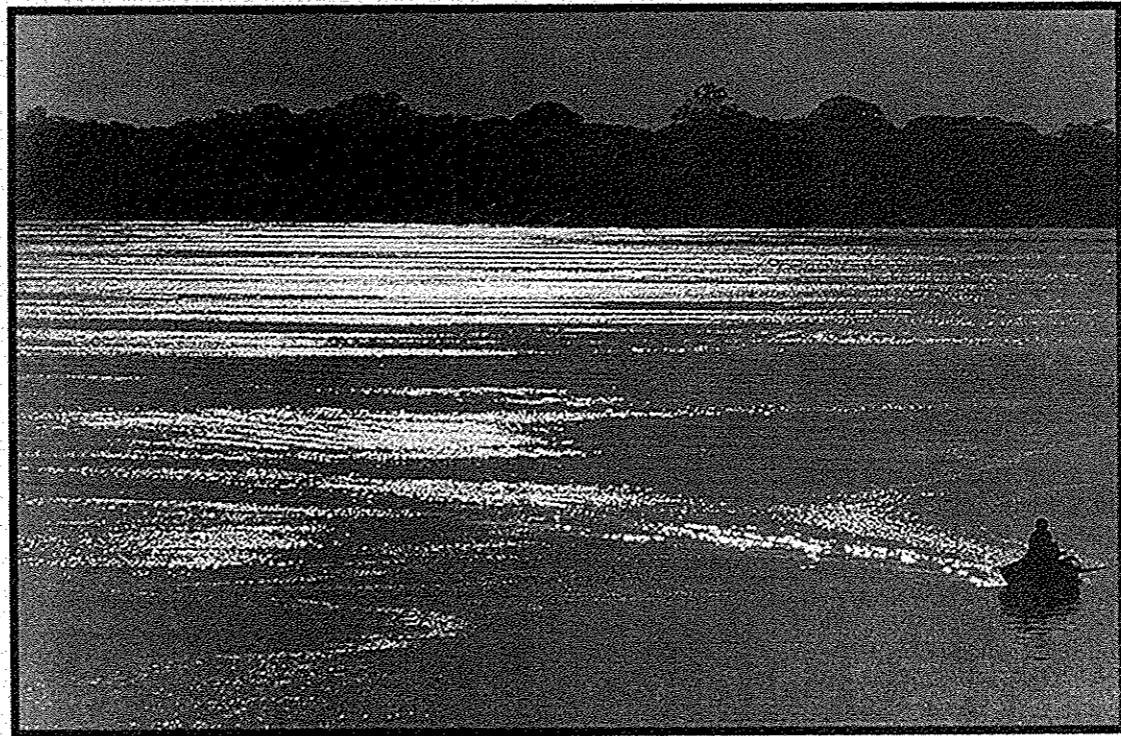
No inverno, quando os rios sobem e cobrem as terras mais baixas, é difícil pescar. "Fica muito fundo", explica Manoel Pedro, 46 anos, morador da comunidade de Nova Esperança, no rio Negro. Se não tem peixe, compra-se feijão com arroz em Novo Airão, distante quase uma hora de barco. E faz-se farinha de mandioca em imensos fornos comunitários.

As frutas enchem a barriga de crianças como Jocivan dos Santos, de nove meses — que carrega no pescoço e nos braços um amuleto de alho, receita da bisavó para evitar as gripes. E servem para evitar a anemia. No posto de saúde de Nova Esperança, a agente de saúde Maria Emília Souza, 55 anos, receita vinho de Açai — frutinha preta e redonda — para as crianças mais fráguas. Há também um fortificante feito com as folhas compridas do arbusto japana.

Médico aparece em Nova Esperança uma vez por mês, quando as tempestades tropicais deixam os barcos saírem. Por isso, dona Joana e Maria Emília ainda guardam seus segredos. Todo esse conhecimento está nas mãos de pessoas como a velha raizeira dona Joana ou o "doutor Raiz", Estevão da Silva Rodrigues, sertanista de 75 anos, 50 de Amazônia, capaz de entrar na mata e achar em cada planta remédio para um mal diferente. Tira da casca da Andiroba o sumo para lavar machucados. Das amêndoas da mesma árvore, o óleo para curar dores de garganta. Das folhas de um trevo roxo, gotas para dores de ouvido.

"Graças aos índios e aos ribeirinhos aprendi muita coisa, e já salvei vidas com o que sei tirar da floresta", conta Estevão, funcionário quase aposentado na Fundação Nacional do Índio, começou a viver entre os indígenas aos 16 anos — quando se apaixonou por uma índia.

Fez contato com tribos isoladas, aprendeu as línguas e, principalmente, conquistou algo que pesquisadores não conseguem: a confiança de índios e caboclos. "Não é para todo mundo que eles vão contar o que sabem", explica.



O rio Negro ainda é a fonte de vida: tucunaré, tambaqui e pirarucu ajudam a enfrentar a fome

FLORESTERAPIA

Nas vésperas do terceiro milênio, as plantas da Amazônia continuam servindo de remédio para índios e caboclos. Receitas como as de Estevão Rodrigues funcionam na floresta, mas seu uso é recomendável apenas para quem conhece ervas e árvores há muitos anos. Algumas delas:  
 Acapurama — As folhas da árvore

servem como cicatrizante e anti-séptico.  
 Ingá Orelha de Cachorro — O chá da parte de dentro do tronco é usado para tratamento de verminoses.  
 Japana — O chá é fortificante para bebês e também cicatrizante.  
 Folha de Café — Os índios dizem que tem poder anticoncepcional.  
 Manga — O chá da casca da

mangueira é para dor de garganta.  
 Açai — Energizante, fortificante. A raiz é boa para anemia.  
 Timbó — Antigo veneno indígena extremamente forte, pode ser usado, com cuidado, para picadas de bichos.  
 Sorva — O leite do tronco combate diarreias muito fortes.  
 Capitiú — O óleo tirado da planta é

eficiente contra o colesterol.  
 Andiroba — O óleo das amêndoas moídas funciona para problemas na garganta e como cicatrizante. A casca serve para lavar feridas.  
 Salva de Marajó — O chá é digestivo.  
 Erva de Passarinho do Cajueiro — O chá, em lavagens, melhora problemas no útero

Trevo Roxo — Das folhas maceradas, tira-se gotas para dor de ouvido.  
 Peão Branco — O chá é cicatrizante.  
 Mão Aberta — Compressas feitas com o chá frio são usadas em inchaços.  
 Buriti e Açai — O vinho feito com as duas frutas funciona contra anemia